

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FARROUPILHA
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM GESTÃO ESCOLAR**

**OS DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE ALEGRETE NO
CONTEXTO DA PANDEMIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ana Amália Ferreira Igiski

ALEGRETE, RS, BRASIL

2021

Ana Amália Ferreira Igiski

**OS DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE ALEGRETE NO
CONTEXTO DA PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão Escolar do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Alegrete, como requisito para obtenção do título de **Especialista em Gestão Escolar**.

Orientadora: Prof.^a Tatielle Rita Souza da Silva

Alegrete, RS, Brasil

2021

OS DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE ALEGRETE NO CONTEXTO DA PANDEMIA

RESUMO: A chegada ao Brasil do coronavírus acarretou mudanças no contexto educacional, alunos e professores, assim como outros serviços e funções acabaram entrando em trabalho remoto. Essa situação inusitada que gerou insegurança docente fez surgir a pergunta inicial que levou a refletir sobre o contexto e pensar ações colaborativas diante desse contexto: qual a importância da formação continuada de professores no processo de gestão democrática e participativa, durante o contexto da pandemia? A necessidade do momento conduziu à escuta das narrativas dos docentes envolvidos na pesquisa, desenvolvendo um olhar atento e acolhedor junto aos nossos pares, levando-nos a contribuir e valorizar o sistema de gestão participativa, problematizando o vivido. A presente pesquisa toma como objeto de estudo narrativas produzidas por professores da rede pública e privada do município de Alegrete em encontros formativos durante o segundo semestre letivo de 2020. Convidamos docentes da rede pública e privada com formação específica na área de Pedagogia e diferentes especializações de acordo com sua atuação profissional. A partir destes encontros, recolhemos fragmentos de narrativas com base na fala dos interlocutores, suas dúvidas e angústias, operando sobre compartilhamentos e futuros encaminhamentos para próximas formações a fim de construirmos uma rede de apoio, troca de materiais e ideias no período escolar onde as nossas práticas estavam acontecendo. As conclusões da pesquisa indicam a contribuição de momentos de reflexão acerca das práticas de ensino em contextos sociais diversificados, a luz de reflexões de Masschelein e Simons (2017), Paulo Freire (1996) e Gumbrecht (2010, 2019), dentre outros que serão mencionados no desenvolvimento desta pesquisa.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Formação Docente. Escola. Educação.

1 INTRODUÇÃO

No início de 2020, chegou ao Brasil um vírus causador da doença coronavírus, colocando alunos e professores, assim como outros serviços e funções em atividade remota. Como tutora presencial de uma turma no curso de Pedagogia, ofertada no polo de Alegrete, Rio Grande do Sul, deparei-me com um contexto onde fui problematizada, considerando a exigência do trabalho remoto. Com a intenção de socializarmos sobre nossas práticas diante desse cenário, surgiu a proposta de “conversação em rede”, essa se baseou nas seguintes questões: 1) a evidência do ensino remoto e das tecnologias, bem como seus impactos formativos para a educação; 2) a função social da escola, seus efeitos de presença na nova rotina; 3) a valorização do profissional docente, determinante neste processo de ensino e aprendizagem frente ao cenário remoto. Assim, a presente pesquisa buscou refletir sobre as narrativas produzidas pelos profissionais da educação durante quatro encontros formativos, ocorridos durante o segundo semestre letivo de 2020. Buscamos, assim, ressignificar práticas de ensino em contextos formativos diversificados, partindo do contexto de ensino remoto, trazido pela pandemia e discutindo teoricamente à luz das reflexões de autores como Jan Masschelein e Maarten Simons (2017) Paulo Freire (1996) e Gumbrecht (2010, 2019) dentre outros.

Dentre outros aspectos que se fizeram importantes no decurso do trabalho, foi

compreender as diferenças entre ensino remoto, educação a distância e *homeschooling*. Sobre este aspecto, vale lembrar que a educação a distância é apresentada por Moore e Kearsley (2007) como uma metodologia para além do uso de tecnologias e da temporalidade diferenciada no processo de ensino e aprendizagem. Educação a distância (EaD) pressupõe que a escola esteja estruturada com todos os recursos e ações pedagógicas digitais de acesso à informação e construção do conhecimento; já o ensino remoto consiste no conjunto de estrutura organizada para o período de pandemia, visto como medida preventiva no campo educacional e que emergiu da situação decorrente da pandemia originada pelo coronavírus; e *homeschooling* refere-se ao ensino domiciliar onde pais ou tutores assumem o papel de professores dos filhos (as), situação que não compõe a legislação brasileira.

Neste sentido, um curso é considerado como EaD quando existe a presença de professores e alunos que se encontram em um espaço virtual (predominantemente) organizado a partir de pressupostos didático-pedagógicos específicos. Lembramos que um dos importantes documentos brasileiros sobre EaD se trata do Decreto nº 9.057 (BRASIL, 2017), no qual o termo educação a distância é caracterizado da seguinte forma

Art. 1º Para os fins deste Decreto considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, dentre outros, desenvolvendo atividades educativas por estudantes e profissionais da educação os quais estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Bozkurt e Sharma (2020), quando se referem ao ensino remoto de emergência, caracterizam-no como uma solução temporária para uma problemática que se instala de modo imediato. Os autores mencionam ainda que embora tal solução possa se apropriar de forma original e criativa de recursos e experiências desenvolvidos no âmbito da educação a distância, não podemos tratá-los de forma equivalente. O artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) informa no parágrafo quarto, que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. Redação esta que autorizou o funcionamento das escolas de ensino fundamental a promoverem atividades conforme já explicitado remotamente.

Em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 343, em que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, sendo autorizado

em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de

Diante disso, as escolas passaram a ofertar uma nova organização para suas aulas, contemplando a proposta de ensino remoto, o qual ocasionou inúmeras dúvidas e desafios tanto aos discentes quanto aos docentes. Nessa perspectiva, este estudo buscou verificar qual a importância da formação continuada de professores no processo de gestão democrática e participativa, durante o contexto da pandemia, como uma forma de auxiliar o processo de adaptação docente a realidade imposta pela pandemia.

2 DESENVOLVIMENTO

Busco apresentar aqui fragmentos recolhidos das narrativas entre docentes, participantes da pesquisa, que foram registrados em meu diário de bordo com fins de tecer as reflexões desta investigação.

A coleta dos fragmentos das narrativas realizou-se com base nos encontros, nas dúvidas, compartilhamentos e encaminhamentos para próximas formações a fim de construir uma rede de apoio, troca de material e ideias no período escolar onde nossa docência estava acontecendo diretamente sob a forma de atividade remota. Através destes encontros, buscamos ressignificar práticas de ensino em contextos escolares e formativos diversificados.

Diante do cenário apresentado pela pandemia predominantemente tecido pelo ensino remoto, as primeiras colocações dos docentes participantes da pesquisa, indicavam o anseio e a insegurança vivida, como pode ser visto nos fragmentos a seguir:

“- Professora, quando vamos nos encontrar?” “- Será que este ano teremos aula presencial?” “- Logo teremos estágios e como faremos se nem ao menos podemos olhar <i>olho no olho</i> , trocar uma ideia a mais pontual com a senhora!” “- Eu pensei que este curso seria presencial e na verdade não é!”

A escrita do diário de bordo surgiu como técnica de coleta de dados a partir da necessidade de organizar e traduzir em palavras a experiência pedagógica desta pesquisa a qual me propunha a fazer. As anotações expressivas eram registradas na perspectiva de retomar, refletir e construir novas teias para um novo debate. Estávamos vivendo algo novo, diferente de um semestre letivo presencial onde nossos encontros ocorriam uma vez por semana com o objetivo de refletir práticas de ensino e aprendizagem. Tinha diante de mim uma turma que esteve presencialmente em três encontros, a qual experimentava um ensino a distância diferente com novos desafios, novas plataformas, sem o TI (técnico em informática) para nos ajudar como fazia frequentemente na Instituição, na Universidade.

Vale ressaltar que os docentes participantes da pesquisa, se constituíam também como o grupo de discente do curso de Pedagogia, ofertado pelo polo de Alegrete, nesse sentido,

referir-me-ei aos mesmos sempre como docentes pois foi esse o critério de seleção dos mesmos para pesquisa, muito embora ocupem também a posição de discentes da graduação citada.

Surgiu a ideia e começamos a idealizar uma forma de realizar a conversação em rede. Experimentaríamos um espaço coletivo, com assuntos e temas que viriam conversar com as disciplinas em estudo naquele semestre e com as vivências acerca das futuras práticas pedagógicas escolares. Assim, fomos planejando através de conversas pelo whatsapp, sugestões de temas de interesse, conversas com os colegas da rede municipal, estadual e privada do município de Alegrete.

Nesta vivência senti a necessidade de ouvi-los, de saber como iríamos estruturar, apontando as sugestões no meu diário de bordo para sistematização do projeto. Permito-me comunicar que pensei que seria fácil, que iríamos somente conversar como das outras vezes, mas surgiram tantas dúvidas, tantas situações que não sabíamos responder e o medo da frustração se tornou presente diante desta demanda que abraçávamos juntos, visando nossa formação docente.

2.1 OS ENCONTROS

Experimentar, foi o princípio da proposta, dispondo ideias, pensando em organizar o cronograma e por fim o convite aos protagonistas que ali estariam envolvidos na proposta coletiva da nossa conversa em rede. Foram organizados 4 encontros com frequência semanal trazendo para a discussão temas diversos. Neste momento, foi construída a proposta com as datas previstas pela professora e apresentadas aos participantes, os temas foram escolhidos e apresentados pelos participantes. Abaixo segue em anexo a tabela de cronograma das ações realizadas nos encontros dedicados à conversação em rede.

Quadro 1: Cronograma das ações realizadas com os docentes participantes da pesquisa:

DATA	TEMA	DOCENTES	MEDIADORES
1 2/09/2020	Planejamento; supervisão; sala de recursos; avanços e desafios.	Tutores, professores, supervisor da rede estadual.	Acadêmicos/docentes.
2 7/10/2020.	Afetos e aprendizagens; alfabetização e o planejamento diversificado; gestão de sala de aula e o ensino em escola de tempo integral.	professores dos anos iniciais.	Acadêmicos/docentes e tutora.
3 1/11/2020	Passado e presente - o protagonismo afrodescendente no município de Alegrete; atividades de literatura afro brasileira em tempos de pandemia.	historiador, mestre e professor do ifrs; professoras da rede pública municipal e estadual- mestre em educação e mestre em história.	Acadêmicos/docentes e tutora.

4 9/12/2020	Tecnologia; ppp e a organização do planejamento escolar; mediação e adequação Escolar.	professoras, supervisora, gestora, assistente social, arte-terapeuta e educadora especial.	Acadêmicos/docentes e tutora.
----------------	--	--	-------------------------------

fonte: tabela elaborada pela autora.

Com o início das conversas em rede, como chamamos os encontros ficou evidente o estranhamento com o novo lugar que se passou a ocupar. Os encontros proporcionaram registros no diário de bordo da pesquisadora e entre eles, cabe destacar dois registros que demonstram esse novo lugar agora ocupado pelos docentes:

“- Estávamos ali juntos, na tela com mais de vinte pessoas e com desconhecidos, o novo ambiente, a virtualidade e seus códigos de acesso naquele lugar, naquele tempo e espaço que não era a sala de aula, não era algo físico que pudéssemos entrar e experimentar os espaços, mas um espelho estático, que nos permitia ouvir, dialogar, gerenciar, se locomover, manipular nossos recursos didáticos e projetar a dimensão do olhar.”

“- Era a tela, o compartilhamento, o chat, o celular para aceitar os convidados, as pessoas que chegavam, a forma de se posicionar e escutar com neutralidade o posicionamento o que o outro teria a falar, perguntar, duvidar, problematizar, rever conceitos, se ofuscar atrás de uma imagem congelada ou simplesmente se posicionar, tomar a frente e firmar sua posição enquanto cidadão, docente e participativo da sociedade em que está inserido”.

Organizar as informações foi a primeira ideia do diário de bordo, onde retirei alguns fragmentos, anotei, fiz algumas pesquisas e tudo que iria encontrando sobre as narrativas, a pesquisa e a conversação sobre a docência na pandemia no percurso de cada encontro, estava lá, a conexão entre a leitura e a escrita neste trabalho de pesquisa. Passei da posição de organizadora para colaboradora, o que enriqueceu e desengessou meus manuscritos sobre a ideia que tinha a respeito da educação formal.

Ficamos em debate, seguia a ideia e sugestão dos próximos encontros, as inquietações, o desejo de conhecer, de ouvir os relatos das práticas, como estão fazendo para auxiliar os estudantes, do esforço que a pandemia provocou em cada um em sair de uma posição vertical para horizontal, onde iríamos olhar na mesma posição enquanto protagonista e agentes construtores da aprendizagem.

No segundo encontro, os murmúrios na sala virtual, nos espaços de aprendizagem digital era com o tema da “alfabetização”, pois a dúvida traduzia-se em como estavam dando conta de letrar e alfabetizar crianças pequenas com acesso e sem acesso à internet. Estávamos reunidos com uma professora alfabetizadora e professora de atividades complementares no turno integral, uma professora de educação infantil da rede municipal e anos iniciais da rede estadual do município e uma professora alfabetizadora da rede estadual do município. Neste encontro houveram imprevistos, tivemos ausências de uma funcionária de uma escola situada no assentamento em Manoel Viana que não poderia vir devido ao estado de saúde de um familiar, sendo sugerido pelo grupo outra participação. Aconteceu o segundo evento, onde

durante a conversa surgiram questões pontuais acerca de como as(os) educadoras(es) dão conta de trabalhar 60h no dia; como administram o seu tempo, o que planejam neste período, se costumam seguir algum plano focado durante este tempo pandêmico, quais as diferenças entre métodos, recursos e como incentivam as crianças oriundas de famílias que não tem internet acessível, não sabem acessar aos canais de comunicação e fazer as atividades sem a presencialidade do professor.

O espaço, a fala e os tempos já não eram os mesmos. O que se ensinava na escola não poderia encontrar correspondência com a vida familiar destes alunos, com o que vivenciavam em suas casas, na convivência com familiares que trabalham oito, dez, doze horas ou mais por dia. Como pensar no ensino? Na aprendizagem? Na interdisciplinaridade? Na rotina escolar?

Estas questões apareciam nos encontros formativos. Estávamos debatendo estas problematizações. Por outro lado, encontramos professores sobrecarregados, cheios de medo, sentados horas e horas e além das horas de trabalho para cumprir o calendário letivo, para responder planilhas, para compartilhar pastas e pastas em drives das diversas escolas em que atuavam... No contexto atual de formação docente, a cada hora chegava uma nova formação, novas palestras, novas *lives*, diversos convites dos mais diversos lugares através de nossa caixa de e-mail. A administração do tempo era necessária para que pudéssemos dialogar coletivamente e de forma saudável de modo que todos pudessem experimentar, comunicando e se colocando no lugar do interlocutor, sem gerar correria para ambos os envolvidos.

O terceiro encontro chegara. Era novembro e surgia o barulho pedagógico e a necessidade de falar sobre a consciência negra. De que forma trabalhar esta data tão alusiva durante o mês de novembro. Como operar sobre as normativas que visam trabalhar sobre a cultura negra e indígena no decorrer de um ano letivo. Assim fomos construindo nossas parcerias pedagógicas e para minha surpresa, os colegas toparam o desafio e até sugeriram entre eles outros nomes. A prosa para tarde de sábado seria com professores mestres em Educação. Conversamos sobre seus trabalhos de pesquisa e seus projetos desenvolvidos nas escolas da rede pública e privada de Alegrete.

O desejo se instalava no costurar das falas, na viagem das memórias faladas, documentadas, apresentadas, nos resultados científicos que puderam devolver à sociedade sobre um passado que estava tão presente e que precisava ser reconhecido e analisado dentre dizeres sociais. Ouvia-se e via pela primeira vez a conversa entre os colaboradores, os participantes da sala e a interação pelo chat – algo novo nos surpreendia. Tratava-se de uma dimensão sobre o significativo, algo que está ao nosso alcance e que podemos experimentar sem abrir a câmera, mostrar o rosto e apresentar a vergonha em ter que expor a língua falada em público. Através do diálogo, emergia a necessidade de ajustar e

aprender mais sobre os recursos de comunicação e informação para os processos compartilhados do saber.

Chegamos ao último encontro proposto em 2020, aqui estamos findando o semestre, a turma mais uma vez pediu para discutirmos sobre os caminhos da educação especial, a gestão escolar e o trabalho com contação de histórias através de redes sociais. Contávamos com a presença de profissionais do estado do Paraná, da cidade de Uruguaiana para socializarem sobre o serviço das ONGs, a mediação no trabalho multidisciplinar em centros para crianças com necessidades educativas especiais, relato de como fazer a adequação curricular, também conversamos sobre o papel da gestão em tempos de pandemia e a conversa com uma professora alfabetizadora e contadora de histórias que utilizou o facebook para promover leituras de deleite para as crianças na sua página, contando também com a participação de outras educadoras das redes públicas e privadas do município, engajadas no incentivo à leitura. Foi uma tarde intensa, até passamos do nosso tempo, tivemos imprevistos, pois alguns dos mediadores não puderam estar presentes devido ao fim de ano e muitos por estarem trabalhando no comércio local. O encontro realizou-se com outros atores, outras conversas, com uma grande diversidade de assuntos que foram sendo costurados no passar da nossa tarde.

O que fazer com as crianças com o uso excessivo da internet sem direcionamento? A professora teve uma ideia: “vou te convidar para entrar no facebook para ouvir uma história” – disse ela. E assim, acontecia semanalmente a roda de histórias pelo facebook. A comunidade local e colegas professores colaboraram com este projeto que foi compartilhado conosco através da conversação em rede.

Reunimo-nos em torno de tantos assuntos emergentes, visando promover a diversidade, dizer ao ensino remoto que estávamos vivenciando neste período diversas abordagens, muitos conflitos, opiniões e a certeza de um ponto importante: a necessidade do encontro entre colegas de profissão, como pode ser visto no registro de algumas falas a seguir:

“- Aqui em minha cidade o governo comprou um canal de TV e é por ali que é transmitida a aula para as crianças. Cada horário é destinado a uma faixa etária. As famílias têm acesso e os professores enviam o material para casa para que possamos acompanhar e registrar os conhecimentos apresentados na videoaula.”
“- Aqui para nós é um tempo difícil, pois nossas crianças atendidas pela ONG se encontram em casa e o que era necessário acabou sendo deixado para segundo plano, visto que para o público-alvo da Educação Especial está sendo um período difícil de não poder nos reunirmos e socializar com nossas crianças e ofertar apoio aos familiares de forma presencial.”
“-A gestão da escola teve que se reinventar, ir até o aluno, a casa, levar através da presencialidade um pouco de atenção e cuidado com segurança para nossa comunidade através da busca ativa. Foi como um “chamamento”, um “firmamento” para consolidar nosso compromisso com a comunidade que tanto necessita da gente. Levar as cestas básicas também é educar em forma de responsabilidade e amor pela nossa comunidade escolar, menciona um servidor público efetivo da rede municipal.”

Todos os registros das falas dos participantes demonstravam a importância do momento de troca de saberes, angústias e anseios, e esse era o maior mérito da formação naquele momento.

2.2 O OLHAR, A ESCUTA E A PESQUISA

Tivemos que experimentar esse novo momento que colocava à nossa frente algumas reflexões: o que tornava o espaço escolar, no contexto da pandemia, um ambiente formativo? Seria uma escola “domesticada” – no dizer de Masschelein e Simons (2017)? Ou seria uma escola onde cada um é capaz de aprender? Ou ainda, seria uma escola tecnológica digital?

Tornou-se necessário ter em mente o arranjo que estávamos tendo em nosso entorno, a respeito do tempo e espaço produzido em decorrência da pandemia. A língua da escola é diferente, opera conexões entre sujeitos, pode ser modificada, transpassando gerações e gerações (MASSCHELEIN, SIMONS, 2017). A língua da escola transmite verdade de uma maioria ou minoria. Ao explorar as consequências dentro das narrativas mencionadas, as inseguranças, os diversos tempos de vivência com a comunidade através da conversação em rede, percebe-se que as falas estão impregnadas de sentido. No contexto o qual estamos vivenciando durante a pandemia ela nos remete ao fortalecimento funcional.

No momento em que estudantes nos convidam a refletir sobre as práticas sociais, há limitações e resistências da parte de alguns docentes. Contudo, são estas práticas que irão nos permitir enxergar habilidades, potencialidades através da comunicação traduzida em linguagem escolar – a qual põe em movimento uma mutação, incluindo o sofrimento, a alegria onde, segundo Serres (1997, p.5) “nenhum aprendizado real pode acontecer”.

Sendo assim, a sociedade mudada e renovada anseia por emancipação. Em tempos de isolamento social, tudo passa por um processo de transformação, inclusive a escola precisa ser fomentada por nós, educadores como lugar de paz seguro para o entendimento.

Partimos de narrativas oriundas da experiência docente, do que e como estamos fazendo e para quem desejamos estar presentes: tornar o espaço escolar habitado pela amizade e pela liberdade. Eu tinha tantas perguntas, muitas respostas escritas e um problema a ser resolvido – o que estes encontros trariam de benéfico aos docentes? Como falar desta escola sem a materialidade física do ambiente presencial, da amorosidade depositada em cada gesto com a comunidade escolar? Estava diante de narrativas de diferentes pessoas que conversavam sobre a escola tomando como objeto de reflexão suas próprias ações pedagógicas, as angústias vividas durante o período de isolamento social.

Experimentamos a desapropriação de “nós”, o momento nos propiciava a abertura para o novo e o desconhecido presente. Eu fazia a leitura, produzia a escrita de forma aberta, sempre pensando na infinitude do novo como parte do processo de aprender. De Jacques Rancière e Jan Masschelein e Simons (2017) tomo a distinção entre a pedagogia e o regime pedagógico. Aqui faço um comparativo entre o regime do exercício da profissão docente

dentro do espaço escolar, institucionalizado de forma regular, com educadores que abrem um novo espaço pedagógico instituinte, protagonizando práticas que possam ser vistas através de competências, permitindo com que, em cada etapa da aprendizagem, ocorra o empoderamento dos sujeitos envolvidos.

E onde está o papel da escola, das apropriações, das experiências vivas, com sentido? Masschelein e Simons (2017) tem concentrado seus esforços em defender uma escola como forma eminente de experiência igualitária, livre. Para Masschelein e Simons (2017) a escola exerce um papel político porque a criação de uma escola é um ato político, os exercícios de pensamento propiciados pelos educadores são exercícios de autoformação e auto educação na medida em que buscam transformar o modo de ser daqueles que os praticam.

Os encontros formativos testemunhados colocaram-nos diante de um protagonismo histórico revelado à luz da pedagogia, estávamos dialogando sobre a travessia individual e coletiva de professores, seus dilemas experimentados durante a atividade remota ocasionada por efeito da pandemia - percurso este que se traduzia em transformar as casas em espaços de sala de aula, transportar a escola para dentro de casa, onde cada um carrega nas suas histórias as múltiplas faces do cotidiano. A escola pública e privada tornava-se viva dentro da casa de estudantes e professores(as).

2.3 O ENCONTRO, O DIÁRIO E A DOCÊNCIA

Toda história é um fio que localiza o indivíduo, situado entre gerações, ancestralidade e pertencimentos de cada indivíduo e cada grupo em seu tempo e espaço. No terceiro encontro o debate seria contribuir com nossas práticas docentes com reflexões sobre a importância do trabalho com temas transversais acerca da consciência negra. Diante do contexto, interroguei-me: será que os educadores se preocupam em conhecer suas histórias de vida e ajudam os educandos a conhecer a sua própria história?

Assim, o encontro remetia a novos saberes, apresentados diante da realidade em nosso município e o professor (a) trazia informações catalogadas acerca do povo negro de Alegrete. Aquele sábado foi intenso, o silêncio permaneceu por minutos, os olhos atentos a cada relato apresentado pelos professores. Educadores estavam ali, na linha entre ouvir, aprender e refletir, estávamos todos desejosos com aquele saber. Foi uma costura magnífica feita pelas professoras que trouxeram muitas propostas pedagógicas e sugestões de materiais através de seus relatos de experiências desenvolvidos com turmas da Educação Infantil. Nestas trocas de experiências foi possível observar que cada narrativa demarcava territórios de identidade distintos e estabelecia cumplicidade entre os interlocutores do encontro, como pode ser visto nos registros abaixo:

“-Foi um resgate neste momento!”

“-Jamais pensei que teríamos tanta história e tantos ilustres negros que estiveram ocultos em nosso município!”

“- Esta pesquisa vem nos ensinar enquanto educador o quanto nossas memórias estão envelhecidas”.

Através das conversações em rede, a história e a memória passavam por um processo de reconhecimento, indo para além de um campo subjetivo, pois agora tínhamos em nossas mãos elementos científicos que nos convidavam a refletir e levar nosso objeto de pesquisa para o chão de uma sala de aula. Não estou falando ou colocando dúvidas no que concerne ao processo de construção do conhecimento dos professores, mas afirmando que a formação continuada com nossa categoria faz uma diferença tremenda no coletivo da aprendizagem.

Com certeza, a memória é uma teia subjetiva que segundo Bosi (2003, p.18) cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. A conversa segue e com ela vêm as dúvidas, as perguntas, as discordâncias, as diversas faces do contexto histórico e social que vivenciamos com nossos pares. Cada comunidade carrega no seu íntimo o raio x que evidencia a manifestação de como estamos nos constituindo enquanto educadores, formadores desse novo tempo. Segundo (Stphanou, 2011, p. 11) “escrevemos e dizemos o que pensamos ter sentido, o que imaginamos ter experimentado[...]” .

Essa abordagem de escuta convida a endossar os dados da documentação com o que não aparece de mais pontual dentro das escolas públicas e privadas e o quanto estamos vivendo dentro das categorias normatizadas um processo empírico que é o ensino remoto. Fala-se e se almeja um futurismo educacional que coloca a tradição do lápis e do caderno e o vínculo entre a presença física de um professor como testemunhas oculares que não pode dar certo. Acredito que recolher e analisar cada situação da esfera educacional e o que os governantes estão fazendo para qualificar este tempo sincrônico é o que está escondido nas entrelinhas. Agora foi preciso sair da posição de aprendiz e assumir um papel desafiador onde toda a comunidade busca aprender, reunir suas melhores ações pedagógicas para qualificar mesmo que de forma remota o ensino brasileiro.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Paulo Freire (1996) apresenta esta reflexão e que considero pertinente ao nosso quarto encontro onde pudemos nos reunir com outros atores sociais, conhecer diferentes histórias, pensar sobre como tudo aconteceu nesse período de pandemia e muito fortemente apresentar as nossas práticas dentro das realidades vividas. Ali tivemos a oportunidade de acolher nossas falas por tantas vezes para entender o que no meu diário de bordo estava se passando comigo, uma sensação de agonia pelo longo espaço de tempo fora da sala de aula e o quanto ainda teríamos que pensar no ano seguinte sobre nossas ações em frente a crise educacional que se instalava em todo o país. Aqui, mais uma vez, permito-me elucidar o pensamento de Paulo Freire (1996) educar é uma

especificidade humana onde todos os seres que atuam tem na sua posição enquanto docente, pois é na liberdade, na competência profissional, no poder de decisão e na autoridade docente que vamos tecendo reflexões sobre cada relato, experiência contemplada neste momento de crise existencial. Aqui estamos diante de um conjunto de códigos, de perguntas sem respostas, de uma estrutura falha e de famílias, milhões de famílias, comunidades e espaços escolares vivendo o desafio do ensino remoto, as diversas formas e estratégias para melhoria desta defasagem educacional que segundo os líderes políticos entendem como um caos na educação brasileira no período da pandemia. De tudo isso, cientistas da Educação estão erguendo as mangas, trabalhando para ajudar a compreender esse encurtamento necessário para a nova ordem. A escola nunca esteve fechada, sempre aberta a ouvir e acolher a comunidade, a escola estava sem os alunos e os professores, mas funcionários e equipe gestora estavam lá e nós salvaguardados nas nossas casas, em isolamento social, mas muito presentes para garantir o atendimento dos serviços remotos que nos foram exigidos para este tempo de pandemia.

3 OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Atualizando tais conexões e ressignificando com esta nova demanda na promoção do ensino remoto, vale lembrar que a tecnologia, o acesso aos computadores, a rede de internet, a manipulação das mídias educacionais é o grande desafio que encontramos diante das nossas práticas.

O professor e pesquisador Gumbrecht (2019), em sua obra defende que na idade Média a autodescrição do homem não envolvia sua separação do mundo, enquanto na modernidade o homem passa a se considerar como observador do mundo e produtor ativo do conhecimento, assim, o método narrativo como prática investigativa, permite que o narrador inclua diversas perspectivas numa só narrativa. Pensando o espaço não como o produto, mas como “presença” no processo formativo da aprendizagem, encarando um estilo de pedagogia que venha contribuir de forma científica com os estudos culturais e sociais diante do ensino emergente, necessitando de atenção às instâncias formativas e normativas que regem o cotidiano dos profissionais da educação.

Há uma diferença importante de ser observada entre presença e sentido. Sentido pelo qual estamos anestesiados, sentimo-nos tantas vezes impotentes e incapazes nas nossas práticas docentes. Por outro lado, há a questão da presença onde quer que estejam homens e mulheres reunidos sempre existirá comunicação e conhecimento. E agora fico perguntando e consumindo meus pensamentos sobre esta produção que por vezes é metafórica, mecânica e muito distante do significado, do espontâneo, do imaginário, do faz-de-conta de uma criança. Esta tal formalidade conceitual tecnológica parece que virou vício e a necessidade da

competição, da disputa de quem faz melhor está muito presente nos comentários televisivos dos que regem a conduta educacional estadual. O tempo está comprometendo nosso cotidiano com tantas planilhas, dias de presencialidade e alternância com trabalho remoto e as avaliações que chegam a todo instante para compor um cenário defasado que segundo a mantenedora, há necessidade de qualificar o ensino público e gratuito neste país. Por hora eu concordo com as melhorias, mas testifico uma ausência de ações pontuais que nos coloca diante da insegurança e incredibilidade no processo formativo docente.

Precisamos conversar mais sobre esses caminhos com lucidez e significância para transformação dos sentidos. O que se quer é marcar o contraste entre ambos e explorar, como acontece no final do terceiro capítulo, como uma "cultura de presença" se diferencia e tenciona de uma "cultura de sentido". Gumbrecht também observa e é por isso que destaca o movimento duplo de um "nascimento para a presença" e de um "desaparecer da presença" - que os efeitos de presença que podemos viver já estão sempre permeados pela ausência Hans Ulrich Gumbrecht (2010, p.11).

Neste recorte faço a reflexão da palavra sentido e presença onde fora apresentado no decorrer do corpo do texto de forma reflexiva. A palavra presença dentro de uma determinada temporalidade a qual estamos imersos, as reinvenções de um tempo que não estávamos preparados e que veio causar um sentido relevante em nossa palavra-reflexão. Não estou aqui para colocar de forma taxativa a interpretação do sentido da presença seja ela física ou temporal, mas destacar que diferente de um tempo medieval e contemporâneo em períodos distintos, necessitou desses dois para ressignificar a compreensão do que se vive na atualidade, que transmuta nossa capacidade cultural e científica de ver as coisas.

Ensinar em tempos de ensino remoto, Homeschooling, EaD ou presencial exige esforço para se colocar fora da posição de neutralidade e tomar consciência neste percurso de ensino e aprendizagem neste mundo globalizado que estamos inseridos. Destaco diante das minhas leituras a questão do olhar-se para fora e compreender quais circunstâncias estão sendo apresentadas neste novo tempo em que nos exige entre educadores e educandos, pois a sobrecarga, alienação e o desconforto é visível dentro da escola pública, precisando revigorar-se e fortalecer dentro do coletivo presente. Não há esforço para que possamos reverter isso, mas há caminhos e desertos subjetivos que precisamos experimentar para rasgar-se e tomar um novo caminho filosófico, científico pautado na ética, respeito e amorosidade com nossa profissão que tem por pontualidade esperar um futuro que nos espera.

Segundo Freire (1996, p. 29) “há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos possam aprender e ensinar, inquietar-nos, produzir juntos e igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” e

por isso é preciso esperar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objeto de estudo as narrativas entre docentes da rede pública e privada com formação específica na área de Pedagogia e com diferentes especializações de acordo com seu cargo e função.

A partir das narrativas analisadas esta pesquisa assume o papel visivelmente desafiador no compromisso social, ético e político. A suposta “autonomia” para estudar, a flexibilização do conhecimento a distância, anunciados e postos em exercício na conjuntura atual, a inegável desigualdade digital que assola o nosso país, a compreensão e reflexão sobre os benefícios e enganos desta pandemia, os esforços alongados por quem nunca havia sido tão desafiado para os docentes, na tentativa de garantir um ensino com acessibilidade e adequação para todos e todas, essas constatações assumem o papel de resultados da pesquisa e indicam a necessidade de encontros de formação entre os profissionais da educação. Nosso problema de pesquisa questionou qual a importância da formação continuada de professores no processo de gestão democrática e participativa, durante o contexto da pandemia e ousamos responder que a importância dessa é a chave da educação de qualidade em nosso país.

Portanto, concluo que será de grande importância seguir esta conversa dentro “do chão” da escola, buscando parcerias e contribuindo com os processos da gestão educacional, visando fortalecimento do grupo dos profissionais em educação a fim de contribuir com a gestão escolar de forma colaborativa e participativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. 1996.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 21/12/2021.

_____. Ministério da Educação - MEC. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 27.04.2020.

_____. Decreto 9.057/2017. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso em: 22/12/2021.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Diretoria de Educação Básica – DEB. *Edital PIBID 2009*. Brasília: CAPES, 2009.

BOZCURT, Aras; SHARMA, Ramesh C. **Emergency remote teaching in a time of global crisis due to CoronaVirus pandemic**. Asian Journal of Distance Education, v. 14, n. 1, p. i-vi, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341043562_Emergency_remote_teaching_in_a_time_of_global_crisis_due_to_CoronaVirus_pandemic. Acesso em: 21/12/2021.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUMBRECHT, Hans Ulrich, 1948- Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir 1 Hans Ulrich Gumbrecht; tradução Ana Isabel Soares.- Rio de Janeiro : Contraponto :Ed. PUC-Rio, 2010.

_____. **A obra, o conceito e o homem “produção de presença”** Palimpsesto, Alemanha, v.30, 18, pp.2-16, Rio de Janeiro: Temporada de inverno, 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A língua da escola: alienante ou emancipadora**. In: LARROSA, Jorge (Org.). Elogio da escola. Traduzido por Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MOORE, Michael Grahame; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SERRES, M. **The troubadour of knowledge**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

STEPHANOU, M. Prefácio. **Nem uma coisa, sem outra ou nenhuma. (Re) invenções e reminiscências escolares**. A modo de prefácio. In: FISCHER, B. T. D. (Org.). *Tempos de Escola*. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livros, 2012.